



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 5

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 5 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-121-0

DOI 10.22533/at.ed.210212605

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta é mais uma obra organizada pela Atena Editora para 2021, focando nas teorias e metodologias da pesquisa historiográfica em várias regiões do Brasil. O livro “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História”, volume 5, começa com artigos da região norte e nordeste do Brasil trazendo abordagens acerca das paisagens fluviais do rio Cocó, em Fortaleza, o educandário de Manaus-AM e também estudos sobre o tambor da mata no Maranhão.

Nesta obra você também encontra para leitura capítulos a respeito das relações raciais no ensino de história, um capítulo dedicado à revista Nova escola, dentre outros. Para além dos temas de ensino e metodologias, há também capítulos dedicados à pesquisa historiográfica com diversas fontes, seja por meio de periódicos, de memórias individuais e/ou coletivas, sobre os mais diversos temas: ditadura civil militar, estudos sobre a morte e utilização de mídias alternativas.

Em um momento de cortes de bolsas de pesquisas e de descrédito em relação à ciência brasileira, torna-se cada vez mais importante defender obras que divulguem pesquisas de qualidade desenvolvidas em várias regiões do Brasil. Muitos capítulos aqui publicados são frutos de longos anos de árduas pesquisas, muitas vezes financiadas por órgãos de fomento.

Espero que além de contribuir com pesquisas em andamento nas universidades, esta obra possa também ser incentivo para historiadoras e historiadores, que sejam pontos de diálogo e de construção do conhecimento histórico.

Boa leitura,

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS TRANSMUTAÇÕES DA PAISAGEM DO RIO COCÓ Germana de Lima Girão Andrade Simone Menezes Mendes DOI 10.22533/at.ed.2102126051	
CAPÍTULO 2	11
HISTÓRIA DO EDUCANDÁRIO GUSTAVO CAPANEMA EM MANAUS DE 1942 A 1950 Adriana Brito Barata Cabral DOI 10.22533/at.ed.2102126052	
CAPÍTULO 3	22
TERECÔ, TAMBOR DA MATA, MATA ZOMBANA: LITERATURA ANTROPOLÓGICA E AGENCIAMENTO NAS TRAMAS DA ENCANTARIA MARANHENSE Victor Hugo Basilio Nunes DOI 10.22533/at.ed.2102126053	
CAPÍTULO 4	34
RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA Edenar Souza Monteiro Maria de Lourdes Fanaia Castrillon DOI 10.22533/at.ed.2102126054	
CAPÍTULO 5	45
AS PROPOSTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE TEMAS SENSÍVEIS NO SUPORTE VIRTUAL DA REVISTA NOVA ESCOLA Márcia Elisa Teté Ramos DOI 10.22533/at.ed.2102126055	
CAPÍTULO 6	57
A ARTE EM AMÉRICA INDÍGENA: ÓRGANO TRIMESTRAL DEL INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO (1941-1960) Natally Vieira Dias Bruna Nunes de Souza DOI 10.22533/at.ed.2102126056	
CAPÍTULO 7	68
AS RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO Cláudia Sousa Oriente de Faria DOI 10.22533/at.ed.2102126057	
CAPÍTULO 8	80
A ESPERANÇA REPUBLICANA: ARTISTAS, OPERÁRIOS E PROFISSIONAIS LIBERAIS EM PERNAMBUCO (1875-1904) Flávia Ribeiro Braga DOI 10.22533/at.ed.2102126058	

CAPÍTULO 9	95
A DOCTRINA DA ESCOLA IBÉRICA DA PAZ E O DIREITO DE CONVERTER E SER CONVERTIDO	
Adelmo José da Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.2102126059	
CAPÍTULO 10	108
USOS POLÍTICOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS DE DILMA ROUSSEFF (2011-2016)	
Júlia Bolognini Klassmann	
DOI 10.22533/at.ed.21021260510	
CAPÍTULO 11	119
PROFESSORA ELZA VIANNA: A PRIMEIRA DOCENTE NEGRA DE NATIVIDADE-RJ	
Márcia Aparecida de Souza	
Henrique Cunha Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.21021260511	
CAPÍTULO 12	128
VIDA PÓS-MORTE NO CORPO SEM VIDA: TÉCNICAS DE EMBALSAMAMENTO E PRÁTICAS RELIGIOSAS	
Eduardo Mangolim Brandani da Silva	
Christian Fausto Moraes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.21021260512	
CAPÍTULO 13	147
A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS ALTERNATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA ESFERA PÚBLICA	
Naiara Cristina Gonçalves Rocha Passos	
Andrea Ferraz Fernandez	
DOI 10.22533/at.ed.21021260513	
SOBRE A ORGANIZADORA	156
ÍNDICE REMISSIVO	157

CAPÍTULO 4

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Data de aceite: 24/05/2021

Edenar Souza Monteiro

Professora do Mestrado em Ensino – PPGen/
UNIC
Cuiabá – MT
<https://orcid.org/0000-0002-9666-7920>

Maria de Lourdes Fanaia Castrillon

Professora da Graduação/UNIC
Cuiabá – MT
<https://orcid.org/0000-0003-4797-880X>

RESUMO: O objetivo do estudo é destacar as abordagens raciais no ensino da História da educação básica e ensino superior. A referida temática ainda se apresenta orientada pela inferioridade e marginalização dos negros e, por vezes, os conteúdos são visados com naturalizações. É no contexto da valorização da História africana e afro brasileira na educação que esta proposta se respalda. Embora as Diretrizes Curriculares apresentem orientações voltadas para a pluralidade cultural, observa-se que, em muitas escolas públicas, ainda há a ausência de discussões que promovam um ensino pautado na equidade e alteridade. A metodologia utilizada foi pautada nas consultas de alguns documentos manuscritos do século XIX, tais como, jornais impressos, literatura e contos afros, livros didáticos, e observações realizadas nas escolas públicas. Todos esses fatores mencionados favorecem uma prática educacional que promova a formação social e cultural do aluno voltada para pluralidade cultural

longe dos preconceitos raciais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: História africana e afro brasileira. Ensino. Educação. Escravizados. Relações raciais.

RACIAL RELATIONSHIPS IN HISTORY TEACHING

ABSTRACT: The objective of the study is to highlight the racial approaches in teaching the history of basic education and higher education. The aforementioned theme is still oriented by the inferiority and marginalization of blacks and, sometimes, the contents are targeted with naturalizations. It is in the context of the appreciation of African and Afro Brazilian history in education that this proposal is supported. Although the Curriculum Guidelines present guidelines for cultural plurality, it is observed that in many public schools there is still no discussion that promotes a teaching based on equity and otherness. The methodology used was based on the consultations of some manuscripts of the nineteenth century, such as printed newspapers, Afro literature and stories, textbooks, and observations made in public schools. All these factors favor an educational practice that promotes the social and cultural formation of the student turned to cultural plurality away from racial and social prejudices.

KEYWORDS: African and Afro Brazilian history. Teaching. Education. Enslaved. Race relations.

INTRODUÇÃO

Ressalta-se que a História do Brasil no

século XIX, enfatiza as tradições de um passado homogêneo, com feitos gloriosos de célebres personagens históricos masculinos. Esta abordagem priorizava a História política factual e, neste contexto, protagonistas como os escravos, indígenas, quilombos, mulheres, trabalhadores pobres ficaram excluídas das páginas da historiografia. Ressalta-se que, essa referida abordagem historiográfica permitiu durante muito tempo no ensino da História ausências de temas sociais como os supracitados.

Somente na década de 1980, com a História Nova, de modo geral, houve, então, uma “revolução” historiográfica e concomitante no ensino. Ou seja, a partir desses anos, houve um repensar historiográfico, e no campo da pesquisa surgiu o aumento de produções historiográficas. O repensar historiográfico influenciou no campo da pesquisa, com isso novas propostas curriculares, novos temas como família, religião, cotidiano avançaram no ensino sobre abordagens que focalizam o negro na historicidade de Mato Grosso sendo variadas as produções de pesquisas acadêmicas. Quanto aos livros didáticos sobre a temática são quase que inexistentes. A partir da lei 10.639/2003 é que começaram a surgir debates, pesquisas, orientações pedagógicas e a difusão do conhecimento especialmente na rede de ensino do Estado mato-grossense através do Núcleo de Pesquisa das Relações Raciais da Universidade Federal de Mato Grosso (NEPRE). No entanto, mesmo com essas mudanças ocorridas no ensino, pode-se dizer que nos dias atuais existem algumas problemáticas.

A revolução historiográfica com propósitos de abarcar novos temas e objetos de pesquisas, também permitiu mudanças no ensino pelas propostas das diretrizes curriculares, pois atualmente os temas transversais são possibilidades para professores trabalharem. Além da tecnologia, são variados os recursos didáticos que podem ser utilizados na sala de aula como jornais, revistas, literatura, imagens, fotografias, documentos, músicas, poemas entre outros. Utilizar fontes variadas na sala de aula possibilita maior compreensão do processo histórico. Todos esses fatores mencionados favorecem uma prática educacional que promova a formação social e cultural do aluno voltada para pluralidade cultural longe dos preconceitos raciais e sociais. Segundo Ribeiro (2004) a questão não é impor modelos de práticas pedagógicas, mas mostrar universo de possibilidades para um ensino de história que promova novas concepções de mundo e construa no aluno reflexões articuladas entre o passado e presente. O professor pode mediar a produção do conhecimento do aluno problematizar a aula e valorizar a diversidade.

LIVROS DIDÁTICOS

Os Parâmetros Curriculares (1997) apresentam os eixos temáticos que são divididos em categorias; procedimentais, conceituais e atitudinais. “Os conteúdos conceituais” são os conceitos sobre fatos, os “conteúdos procedimentais”, incluem o (saber-fazer); já os “conteúdos atitudinais”, envolvem valores, normas e atitudes, que

permeiam todo o saber Escolar.

Os Parâmetros Curriculares nos indicam que a diversidade cultural/ multiculturalismo promove a alteridade equidade na formação da aprendizagem do aluno, porém o espaço escolar está impregnado de conceitos eurocêntricos dos colonizadores sobre a História afro-brasileira e africana. Nem sempre as escolas priorizam o tema e nem consta no Projeto Político Pedagógico da escola, porém, ao observar a gestão democrática de determinadas escolas públicas desta capital é possível perceber pelo planejamento escolar as fragilidades como exemplo a comemoração da consciência negra, do dia 20 de novembro como se a festividade fosse capaz de superar todos os conceitos eurocêntricos, racismo no interior da escola. De acordo com a lei 10.639/2003 é essencial valorizar a identidade, a cultura e a História afro-brasileira e africana na educação básica e ensino superior sem necessariamente priorizar uma determinada área de ensino, que, em qualquer momento a temática deve ser abarcada.

Sabemos que para contemplar a diversidade cultural na gestão escolar é necessário que ocorra em qualquer momento e área de conhecimento. O livro didático enquanto recurso utilizado na sala de aula é também um material que deve ser analisado de modo crítico por trazer diferentes linguagens como iconografias, texto, mapas, gráficos entre outros. Bittencourt (1993) aponta que são enormes as deficiências apresentadas nas produções dos livros didáticos do ensino de História e, a História de Mato Grosso ainda silenciada nos livros didáticos, reforça o problema da historicidade dessa região mais central da América do Sul como algo externo à realidade brasileira. Diante desse impacto o estudo sobre a História local no território mato-grossense é um paradoxo, longe de abranger os objetivos dos Parâmetros curriculares. Com relação aos conteúdos observa-se por exemplo, que no ensino da História são desconectados, não estabelecem diálogos entre a História do Brasil e a regional e essa fica como se fosse um assunto a parte da História do Brasil, distante da realidade social do aluno.

A exemplo, quilombos¹ ou comunidades quilombolas é um tema essencial que deve ser abordado em sala de aula, porém, muitas vezes é apresentado nas páginas livros didáticos de maneira simplificada e geralmente o assunto é tratado como algo generalizante como se todos fossem iguais como; modos de viver étnicos, moradia e adereços, religião, generalizando sem especificar as diferenças culturais.

Na História do Brasil houve o fato sobre a Balaiada; movimento social ocorrido no Maranhão entre os anos de (1831- 1840) durante o período regencial cujo objetivo central era disputa pelo poder local (Liberais e conservadores). Porém foi um movimento que foi derrotado pelo governo que em sua maioria era composto por negros em especial a participação de Cosme, um ex-escravo de um quilombo que liderou 3.000 quilombolas

1 Quilombo é uma palavra de origem Bantu advindo do dialeto quimbundo e ou umbundo seu significado original na África referia-se a uma forma organizativa sociopolítica de cunho militar. No Brasil passou a designar a organização de negros que fugiam dos horrores da escravidão. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MATO GROSSO/ Gerencia da diversidade. História e cultura negra: Quilombos em Mato Grosso. Cuiabá: SEDUC, 2008.

(SEDUC, 2008, p. 38). No entanto no ensino de História, a abordagem sobre o quilombola Cosme continua silenciada. Por outro lado, é curioso também destacar que os quilombos em Mato Grosso constituíram pelas terras compradas por irmandades, terras abandonadas pelos grandes proprietários, terras de Santo, terras herdadas dos senhores e pelas das sesmarias (SEDUC. 2008 p. 44). Na memória social o conceito sobre quilombo por vezes apresenta-se distorcido, estigmatizado, arraigado nas explicações das teorias científicas que avaliou a questão negra como o malefício da sociedade. Atualmente houve deslocamento sobre o conceito quilombos e quilombolas, que segundo Mattos (2004) quilombo compreende espaço da cultura, da identidade, da memória de um grupo social que ficou destituído e para entender sobre o tema no Brasil o parâmetro para pensar sobre quilombo não deve ser apenas o de Palmares. Conforme dados da fundação dos Palmares existem aproximadamente 2.500 comunidades quilombolas identificadas no Brasil. Conforme Santos (2016), no Mato Grosso há uma média de 60 quilombos legitimados pela Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 98/2007, no entanto, ainda atualmente é um tema que no ensino escolar parece haver uma carência de conhecimentos sobre.

Com relação a conteúdos, os escravizados são vistos como um ser submisso aos poderes e desejos de seu senhor, incapaz de influenciar nas transformações sociais e sem lugar para expressar suas convicções e tradições culturais. Conforme Correia (2012) o sistema escravista é apresentado como relações naturalizadas entre senhor e escravos e não mostra uma discussão que o escravizado possui uma cultura, e que os interesses do processo de colonização forjaram o sistema de dominação sobre o referido grupo social.

Um outro conceito surgiu sobre o escravo, que não é baseado apenas como “coisa” assim também a relação entre os escravizados e senhores de engenhos não foi marcada pela violência ou benevolência patriarcal como foi abordado na historiografia de Gilberto Freyre, mas sim por diversas situações como as negociações que incluem as alforrias fossem pela afetividade, pela lei ventre livre, pela compra, ou pela barganha entre outros aspectos. O termo escravo ainda consta nos livros didáticos sempre associado ao trabalho forçado apresentando uma visão pejorativa uma vez que, o africano considerado pessoas inferiores tornou-se um grande investimento do processo colonizador. (CORREIA, 2012)

Os Parâmetros Curriculares (PCNs) explicitam a necessidade do estudo sobre a História local e do cotidiano é preciso priorizar temas sobre a localidade, mas nem sempre isso é contemplado diante das observações realizadas nas escolas públicas. Além disso, uma outra questão sobre a História local, diz respeito à escassez de material didático: de que modo o conteúdo é operacionalizado na sala de aula, para o aluno? Sabemos que, as ideologias difundidas pelos conceitos simplificados ou generalizantes nos livros didáticos sejam pelas imagens ou pelos textos constroem valores. Outro material didático relevante para sala de aula com ricas informações culturais que valoriza a identidade afro são as fontes literárias.

LITERATURA E A ABORDAGEM RACIAL

Antes da revolução historiográfica provocada pela escola dos Anales, as obras literárias não eram ferramentas utilizadas no ensino da História e as abordagens sobre mulheres também ficaram excluídas das páginas historiográficas. O uso de fontes literárias no ensino da história possibilita mostrar a sociedade de uma determinada época, o contexto histórico, social e cultural também estimula o aluno compreender conteúdos com as mudanças e permanências da sociedade.

Assim a história e literatura são possibilidades que envolvem um aprendizado, construção de conhecimento do currículo escolar. Para Gebara (1986) a história de baixo, como a História das mulheres. A questão do gênero adquiriu relevância enquanto agente histórico na formação da sociedade brasileira, pois os parâmetros curriculares nacionais legitimam abordagens sobre gênero e sexualidade no currículo escolar.

Nesse contexto destacam-se, as mulheres negras nas obras literárias descritas no século XIX. Vale lembrar que, a literatura sobre as questões raciais são materiais pouco utilizados na sala de aula no ensino de História. As obras literárias apresentam contextos sociais e culturais conforme o tempo histórico e espaço, constituídos de personagens entre elas as mulheres até então silenciados na historiografia.

O romance “Úrsula”, escrito no século XIX por Maria Firmina – uma escrava que nasceu no contexto da escravidão 1825, no nordeste, mais precisamente na província do Maranhão, Filha “bastarda”, fruto do provavelmente incomum relacionamento amoroso entre uma portuguesa e um escravo africano - publicou seu primeiro romance, Úrsula (1859), cuja personagem principal é uma negra e com isso a autora quebra com estereótipos da época uma vez que a obra foi produzida em 1866, no contexto da escravidão no Brasil, mas, por outro lado, a obra literária também denuncia o racismo. (CORREIA, 2013. p. 4)

Importante lembrar que, no século XIX, não era comum mulher escrever, publicar. Na época o espaço da mulher de modo geral estava restrito aos afazeres da casa, dos filhos da família dos trabalhos manuais, portanto, excluída da vida política, social e pública uma vez que predominava uma sociedade patriarcal. Contudo, uma parcela de mulheres, as que pertenciam à elite obteve acesso a aulas particulares ou a educação doméstica. No entanto o fato de existir uma predominância do modelo de sociedade patriarcal, não pode pensar “a mulher especialmente a escravizada” apenas como um objeto passivo da repressão longe de romper com o sistema instituído naquele momento é preciso considerar as estratégias de sobrevivência.

Além dessas questões, havia também como já foi citado as teorias científicas racistas que segundo o autor Munanga (1988), serviu mais para justificar o sistema de dominação e exclusão do que para explicar a classificação humana. Desse modo, a autora Maria Firmina não utilizou sua identidade de autora na época, usou um pseudônimo, mas apresenta duplo rompimento das normativas sociais da época, por ser escritora numa sociedade patriarcal

e ao mesmo tempo por apresentar na sua obra a mulher negra “Úrsula” como personagem principal, critica também a escravidão, e valoriza a África. A referida autora também denuncia o sistema da escravidão e os mecanismos de monopólios de controle voltados para o grupo social dos escravizados existentes na época. Estudar história, cultura através do referido romance são possibilidades não somente para enriquecimentos do contexto da escravidão, mas bem como uma forma de poder questionar, refletir, reverter olhares e valorizar a cultura afro que foi desprezível durante muito tempo no processo de ensino.

Outra obra literária infanto juvenil que faz referência a questão afro é “Histórias da Preta”, escrita pela autora Lima, em (2001), a referida obra longe dos paradigmas eurocêntricos deixa evidente a identidade afro-brasileira e sobre a cultura África. Para fugir das generalizações, a obra busca mostrar particularidades que variadas etnias que formam variadas Áfricas.

Os exemplos das obras literárias citadas são possibilidades para que o aluno conheça os “conteúdos atitudinais”, que envolvem valores, normas e atitudes, que permeiam todo o saber Escolar e a identidade conforme os Parâmetros Curriculares. Lima (2001) possui outras escritas literárias “a semente que veio da África” que também abarca a questão social da identidade afro-brasileira, pois Homens, mulheres e crianças que foram desterritorializados e que ficaram na condição de escravizados considerados como seres inferiores.

Entretanto, é imprescindível lembrar que alguns homens negros que vivenciaram o período escravista no Brasil, e que atuaram nos jornais oposicionistas defensores do abolicionismo, foram grandes escritores de obras literárias, geralmente usavam as páginas dos jornais para criticar, denunciar, questionar os rumos da sociedade brasileira.

MÚSICAS E LENDAS AFROS

Uma outra forma de abordar as relações raciais no espaço escolar a partir dos anos iniciais de maneira que promova no aluno fortalecimento de identidade e da alteridade é através dos contos e lendas afros uma ferramenta pouco utilizada e também desconhecida no universo escolar. Sobre a África pouco sabemos do contexto histórico e social, já que foi um país desprezível aos olhares do europeu, sempre visada como um espaço naturalizado essencial para o processo da colonização ocidental. Quanto aos contos, apresentam-se muitas vezes como algo exógeno ao nosso aprendizado escolar.

Os contos revelam crenças e saberes, o cotidiano africano, festas e rituais religiosos, a exemplo, a lenda sobre a origem do tambor africano que mostra os significados do toque do tamborim. Da mesma forma a música afro ou letra de música que revela historicidade dos afros são difundidas, porém, sem relevância no que tange ao conhecimento, ou ao significado na nossa sociedade brasileira. Para exemplificar o enredo da escola de samba da imperatriz de 1984 é uma ferramenta útil para ser utilizada na sala de aula, desde

que, o professor desconstrua a ideologia repassada pelo contexto da abolição cujo refrão é; “liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”, assim também o festejo do negro sobre a abolição, simplificando a ideia do abolicionismo.

JORNAIS

Outro documento que também destaca a desqualificação e estigmas da população negra são os jornais que na época imperial era o meio de comunicação mais moderno que havia, era por meio da imprensa que difundia não somente notícias, mas, a moda europeia, literaturas, ideologias, ideais, valores e várias notificações sobre escravizados como fugas e capturas de escravos, aluguel, compra e venda de escravos. No período imperial a imprensa foi resultado de transformações políticas, econômicas, sociais e especialmente o avanço da tecnologia, porém, poucas pessoas tinham acesso devido o baixo índice de alfabetização de grande parte da sociedade escravocrata ficava restrito a elite. Segundo SCHWARCZ, (2000) a África serviu também como adjetivos para outras categorias sociais como exemplo num anúncio de jornal da província de São Paulo de 1881, que criticava a polícia dizia; ainda que se tratasse de um grande criminoso, não há explicação possível para esbordoar-se assim tão Africanamente a quem quer que seja, são cenas que desonram a sociedade e a civilização. No tempo do Império, os conceitos de evolução de um país não estavam destinados à África, e em muitos jornais divulgavam a Europa como a irradiadora da civilização e a não restava outra opção senão descrever a África sob a ótica da submissão, dos mais “capacitados” para chegar perto da civilização. (SCHWARCZ, 2000, p. 116.)

Nos anúncios geralmente constavam as amas de leite para serem aceitas no meio social destacavam o perfil físico e as habilidades do que sabiam fazer como forma de aliviar o perfil do “ser negro”; vende-se uma escrava sabe lavar, cozinhar, outro anúncio muito comum da época. No jornal liberal de 1871 de Cuiabá consta; acha-se fugida uma escrava de João Anastácio Monteiro de nome Eva cabra, de 40 anos mais ou menos alta, com falta de dentes, tem vício de tomar aguardente. Quem a pegar entregar na rua 1º de março que será gratificado. Esses jornais podem ser utilizados no ensino de história, porém é preciso analisar as informações de maneira particular. Segundo Ribeiro (2018.p 116-117) o documento não fala por si mesmo, precisa ser interrogado, a produção do conteúdo precisa ser contextualizado.

Por outro lado, contrapondo as ideias racistas, também havia na época, jornais organizados para negros, embora na época não tenha adquirido visibilidade e grande difusão. Os assuntos relacionados com a democracia racial, preconceitos de cor, valorização do negro enquanto sujeito da nação também eram temas evidenciados. As referidas notícias jornalísticas tinham autores e leitores negros, organizados pela defesa do segmento social no século XIX, que se apresentavam com diversos nomes: no Rio de

Janeiro (RJ), em 1833, lançaram o Homem de Cor ou O Mulato, Francisco de Paula de Brito, tipógrafo e jornalista negro, foi pioneiro com o primeiro jornal Homem de Cor.

Para ter acesso à informação sobre os jornais, as pessoas sem estudos reuniam para ouvir as notícias por meio das leituras, os alfabetizados liam para os que ainda não tinham adquirido essa habilidade. Os artigos desses jornais procuravam de modo geral incentivar a identidade afro como tentativa de poder superar as exclusões, estigmas, incentivando a educação escolar. Assim, um dos jornais da época dizia: “Nós, homens de cor, conscientes dos nossos deveres, para com a nossa muito amada pátria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a ler para obterem um lugar digno no seio da sociedade brasileira.” (SANTOS, 2003, p. 2). A essência dessa abordagem na imprensa escrita era dar visibilidade ao negro e ao mesmo tempo desnaturalizar os conceitos estereotipados, pois que até então esse segmento social havia sido desclassificado como cidadão no seio da sociedade brasileira.

A existência desses jornais do século XIX e início do século XX desconstruem as naturalizações de que o “escravo” estava destinado sempre à aceitação do sistema. No jornal o Expectador de Cuiabá de 1884, apresenta os seguintes dizeres; “O abolicionismo não é só isso nem se contenta em ser o advogado da porção da raça negra ainda escravizada, não se reduz a missão em promover e conseguir o mais breve prazo possível do resgate dos escravos e ingênuos.” Nesses fragmentos, observa-se a denúncia sobre a discriminação racial cuja abordagem é um fenômeno social discutido no passado e no presente. Na mesma nota jornalística também consta crítica sobre a condição do negro:

O Brasil precisa progredir, mas antes de tudo convém educar e instruir o povo – o povo é ignorante e continuará a ser por muito tempo ainda. A ideia de liberdade é fascinadora! Dizei ao escravo que amanhã ele entrará na plenitude da liberdade. Dizei que ele pulará de prazer muito embora tenha de deixar a casa da comunidade pela pocilga, morada onde a miséria será o seu quinhão. Devemos desenvolver educação na massa populacional e não iludir com falsas ideias de liberdade e do progresso. (JORNAL O EXPECTADOR, 1884).

A alforria que o escravo havia adquirido, conforme disse o redator do referido jornal destinava-se muitas vezes à falsa “liberdade”, pois o escravo destituído do acesso escolar não era considerado “cidadão”. Essas pistas contidas nesse jornal revelam indícios de proximidades com os ideais do partido republicano, devido à defesa pela abolição, o que não significa afirmar que o proprietário e redator dessa imprensa fosse um político atuante. Como geralmente nem todos os jornais estavam vinculados aos partidos políticos, para a manutenção de despesas muitas vezes eram realizadas festividades como: bailes, leilões doados pelos colaboradores para manutenção do periódico. Muitas edições jornalísticas eram publicadas de quinze em quinze dias, outros uma vez ao mês e como disse o pesquisador Pedro S. Santos, não editavam assuntos sobre a política brasileira ou mundial, a principal intenção era dar visibilidade ao negro, evidenciar as ações desses sujeitos

históricos que, apesar disso, estão ainda silenciadas na historiografia mato-grossense. A direção do jornal e seus colaboradores compunham-se de vários militantes operários, que (SANTOS, 2003) chama de intelectuais negros, pois tinham uma proposta de integração da etnia dentro da classe operária.

Entretanto, é imprescindível lembrar que alguns homens negros que vivenciaram o período escravista no Brasil, e atuaram nos jornais oposicionistas que vivenciaram o período da escravidão embora a existência das teorias científicas criticasse o sistema escravista como: Jose de Alencar, Machado de Assis, José do Patrocínio, e esses atuaram como grandes escritores de obras literárias, geralmente para criticar, denunciar, questionar os rumos da sociedade brasileira. As obras literárias dão suporte ao ensino da história cujos personagens homens e mulheres, negros ou brancos, constituem universo histórico social e cultural longe do ensino de história factual e linear.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dar visibilidades as abordagens raciais no ensino da História é poder ultrapassar preconceitos e estereótipos apresentados com naturalizações. Os Parâmetros Curriculares nacionais nos indicam diretrizes para então elaborarmos as propostas pedagógicas através dos eixos temáticos que são divididos em categorias; procedimentais, conceituais e atitudinais. “Os conteúdos conceituais” são os conceitos sobre fatos, os “conteúdos procedimentais”, incluem o (saber-fazer); já os “conteúdos atitudinais”, envolvem valores, normas e atitudes, que permeiam todo o saber Escolar.

Para desconstruir estigmas ainda presentes nos livros didáticos necessária uma leitura crítica por exemplo pelas iconografias que não são só ilustrações essas passam ideologias que ainda precisam ser analisadas. Assim a história do negro e da cultura afro não podem ser representadas nos livros didáticos de maneira natural com contextos históricos simplificados ou com iconografias estigmatizadas. Pelas abordagens das relações raciais é possível promover um ensino com alteridade e equidade capaz de influenciar na reformulação, ou reconstrução de conceitos até então arraigados de valores negativados sobre a questão racial impregnados no meio social.

Sabemos que, as ideologias difundidas pelos conceitos simplificados ou generalizantes nos livros didáticos, sejam pelas imagens ou pelos textos, constroem valores. Além disso, as editoras estão envolvidas no comércio e na produção dos livros didáticos. Diante das problemáticas existentes no ensino da História são questões que dependem muito do professor, “das posturas e das concepções que o profissional possui já que, cada professor possui seus conceitos, visões de mundo compromisso ou descompromisso com a educação” diz Porfirio (2015. p 31).

O papel do professor é fundamental não como dono do saber, mas como provocador um construtor de conhecimentos para melhor construção de identidades sociais. Ensinar

história seja no ensino fundamental ou médio é proporcionar ao aluno uma visão crítica da nossa sociedade e da nossa identidade. Assim pensar sobre a escravidão no Brasil, é poder abarcar sobre as questões raciais construídas no século XIX que segregou o grupo social. Para isso foram importantes utilizar as diversas ferramentas como a literatura, jornais, música, e os livros didáticos que compreendem os recursos didáticos e metodológicos no ensino escolar. É preciso ensinar e aprender história de forma crítica, democrática e participativa em sala de aula nunca foi tão necessário para as lutas e resistências como nos dias de hoje. (RIBEIRO, 2018. P 164.).

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma História do Saber escolar. Tese (Doutorado em História) - USP, São Paulo, 1993.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORREA, Janaina dos Santos. **O uso de fontes em sala de aula**: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2013. Londrina, 2013.

GEBARA, Ademir. **Mercado de trabalho Livre no Brasil**. São Paulo. Brasiliense, 1986.

LIMA, Heloisa Pires. **Personagens negros**: História da Preta In: MUNANGA, Kabengele (org)

Superando o racismo na escola. 3. ed. Brasília: Mec, 2001.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, 63 pags.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

PORFÍRIO, Welington Ernane. **Negros e indígenas nos livros didáticos**: das lutas à obrigatoriedade: um estudo sobre o material do Sistema Positivo de Ensino. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá, 2015.

RIBEIRO, R. Renilson. **Colônia(s) de Identidades**: discursos sobre a raça nos manuais Escolares de História do Brasil. 2004. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo.

SANTOS, Angela Maria dos. **NARRATIVAS E MEMÓRIA SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA EXÚ**. VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica – UFMT. VII CIPA, 2016. Disponível em: <http://viicipa.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/08/C2T_NARRATIVAS-E-MEMO%CC%81RIA-SOBRE-A-COMUNIDADE-QUILOMBOLA-EXU%CC%81.pdf>. Acesso em: 13 de ago 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. Companhia das Letras, 1998; São Paulo.

_____ **Retrato Em Branco e Negro**. Companhia das letras. 2017; São Paulo.

PORFIRIO, Welington Ernane. **Negros e indígenas nos livros didáticos. Das lutas a obrigatoriedade. Um estudo sobre o material do positivo**. Dissertação de mestrado. Universidade federal de Mato Grosso. Instituto de ciências humanas. Cuiabá. UFMT. 2015. 190 pags.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 57, 58, 59, 60, 61, 65, 66, 82, 87, 93, 154

C

Campesinato brasileiro 68, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79

Classe camponesa 68, 76, 77

D

Desenho urbano 1

Discurso político 27, 32, 108

Ditadura civil-militar brasileira 108, 109, 112, 116, 118

E

Educação 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 38, 41, 42, 43, 45, 52, 53, 56, 81, 84, 86, 92, 119, 120, 123, 125, 126, 127, 156

Educandário 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

Ensino de História 34, 35, 40, 42, 45, 46, 53, 55, 56, 156

Escravidados 34, 37, 39, 40

Esfera pública 147, 148, 149, 152, 155

H

Hanseníase 11, 12, 21

história 11, 19, 21, 22, 28, 33, 35, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 68, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 93, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 129

História 11, 12, 21, 22, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 66, 77, 80, 85, 93, 94, 95, 97, 98, 118, 122, 127, 128, 147, 155, 156

HISTÓRIA 34, 45, 52, 111

História africana e afro brasileira 34

História da Filosofia 95

História do Direito 95

História Ibérica 95

História Pública 45, 47, 48, 56

I

Indigenismo 57, 58, 60, 61, 66

M

Memórias sociais 119

Mídias alternativas 147, 148, 150, 151, 152, 153

Mulheres 14, 16, 18, 25, 35, 38, 39, 41, 42, 62, 63, 81, 87, 89, 90, 92, 121, 127, 132, 142, 154

Múmias 128, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

P

Paisagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 74

Positivismo 80, 81, 82, 84, 93, 94

Práticas religiosas 128

R

Raízes históricas 68

Relações raciais 34, 35, 39, 42

Republicanismo 80, 81

Rituais fúnebres 128

S

Sensibilidades 48, 156

T

Terecô 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32

Trabalhadores 35, 74, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 110, 149

Trajetória profissional 119, 124

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)